

## Luta histórica para tornar o 1º de maio Dia do Trabalhador atravessa gerações

*Documentos revelam que, ao oficializar o Dia do Trabalhador há mais de cem anos, muitos sindicatos já se mobilizavam no 1º de maio para organizar comícios e protestos contra a exploração no trabalho*

Foi no fim do século 19 que trabalhadores e trabalhadoras que viviam uma realidade desgastante e desesperadora com o custo de vida alto e salários baixos se mobilizaram por mudança. Naquela época era comum a existência de jornada de 14 horas ou mais nas fábricas. Não é à toa que a luta pela redução da jornada de trabalho era assunto constante nos debates de operários e operárias de mundo todo.

### MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES

Não existia nenhum direito trabalhista no país. Mas graças à luta



dos movimentos dos trabalhadores que, ao longo dos anos, o 1º de Maio se consolidou como um dia de reflexão e reafirmação de luta da classe trabalhadora por direitos.

No dia 1º de maio de 1886 em Chicago, nos Estados Unidos quatro manifestantes foram posteriormente enforcados em praça pública. Eles ficaram conhecidos como “mártires de Chicago”.



A data se tornou, então, um marco na luta por direitos da classe trabalhadora e uma expressão nítida da eterna luta de classes na história da humanidade, dando origem ao Dia Internacional do Trabalhador.

### DITADURA MILITAR

Durante a ditadura militar no Brasil (1964–1985), milhares de pessoas foram perseguidas, torturadas, mortas ou desapareceram por



se oporem ao regime. Sindicatos foram fechados, mas o movimento sindical resistiu.

O 1º de Maio é uma data para que cada trabalhador brasileiro que, com sua força de trabalho, faz o Brasil acontecer, tenha consciência de que sem ele, o país não cresce e não se desenvolve e, portanto, a ele é justo que se dê condições dignas de vida e que se promovam políticas de igualdade social.



Desde 2003 a OIT (Organização Internacional do Trabalho) adota o dia 28 de abril como o Dia Mundial em Memória das Vítimas de Acidentes e Doenças do Trabalho. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho, em todo o mundo, cerca de 270 milhões de traba-

lhadores são vitimados em decorrência de acidentes de trabalho todos os anos.

Segundo a Previdência Social nos últimos 10 anos foram registradas 22.954 mortes em acidentes de trabalho apenas nos casos de trabalhadores com carteira assinada.

# Marcha a Brasília leva pauta da CUT e demais centrais pelo fim da escala 6 x 1

*Fim da escala 6 x 1 e redução de jornada sem redução salarial vão gerar mais emprego e renda*

**C**hamou atenção esta semana um estudo feito pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Femig), de que o fim da escala 6 X 1 vai fazer o país perder cerca de 16% do seu Produto Interno Bruto (PIB) e o equivalente a R\$ 2,9 trilhões no faturamento dos setores produtivos.

Esse estudo, no entanto, não levou em consideração que a proposta defendida pela CUT e as demais centrais, sobre a manutenção dos salários mesmo com o fim da escala 6 X 1. Outra proposta prevê a redução de jornada sem redução salarial, de 44 horas semanais para 40 horas semanais. Hoje tanto quem trabalha na escala 6 X 1 como na escala 5 X 2 pode exercer sua função por 44 horas semanais.

Para a CUT a redução das jornadas de trabalho contribui sobretudo no sentido de apresentar uma saída para o problema estrutural de falta de trabalho e postos de trabalhos decentes a toda força de trabalho disponível.

Esta não é a primeira vez, e com certeza, não será a última, que alguns setores empresários se colocam contra melhorias na vida do trabalhador. Uma nota técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), de 2006, já fazia um histórico de como parte do empresariado brasileiro se comporta em relação aos ampliações dos direitos.

Diz trecho da nota: “os empresários colocaram-se contra a redução da jornada, entendendo as reivindicações dos trabalhadores e as leis discutidas no Congresso como uma limitação à sua autonomia para organizar a empresa segundo suas próprias determinações.

Na nota, os técnicos do Dieese ponderam ainda que:

**a)** a realização de hora extra atinge um longo período por semana;

**b)** o tempo de deslocamento/transporte aumenta em função de mudanças como crescimento das cidades e a migração dos trabalha-



dores para as periferias;

**c)** há necessidade de atividades de qualificação e são raros os casos em que este tempo é remunerado como tempo de trabalho;

**d)** pode haver um segundo trabalho, seja emprego por tempo parcial ou como autônomo, devido à redução da remuneração;

**e)** aumenta a execução de tarefas fora do local de trabalho, o que é facilitado pela utilização do fax, celular, notebooks e internet, possibilitando que os empregados sejam acionados a qualquer momento do dia e da noite e em qualquer local;

**f)** há necessidade de soluções para o processo

de trabalho, principalmente a partir da ênfase dada à participação dos trabalhadores, que os leva a permanecer “plugados” no trabalho mesmo estando distantes da empresa

Assim, pode-se concluir que a luta pela redução da jornada de trabalho e pela limitação da realização de hora extra, no Brasil e no mundo, é de extrema importância neste momento, tanto pela necessidade das sociedades de aumento do tempo livre e de melhoria na renda como pela possibilidade de criação de novos postos de trabalho, o que contribuiria a conquista de uma reivindicação histórica dos trabalhadores, por melhores condições de vida.

Leia a íntegra em: [cut.org](http://cut.org)

## EXPEDIENTE

SEDE: Av. Mon. Rafael, 155, Timirim/Timóteo/MG Tel: 3849-9101 - SUBSEDE: Fabriciano Tel: 3841-3909 - IPATINGA: Tel: 3825-8535

Site: [www.metasita.org.br](http://www.metasita.org.br) E-mail: [secretaria@metasita.org.br](mailto:secretaria@metasita.org.br) Resp.: Diretoria do METASITA



@metasita.sind



sindicatometasita



31.99795-3620